

## **Cartografia Cultural: Uma Proposta de Valorização da Identidade no Sertão do São Francisco<sup>1</sup>**

Ingryd dos SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

As mídias locativas têm transformado os espaços da sociedade, criando novos significados à medida que agrega dados informacionais aos territórios. Partindo de um olhar construído através do projeto “Smartchico: cartografia cultural do Vale do São Francisco”, esse estudo propõe discutir como o mapeamento de dados pode ser uma estratégia para promover a cultura do sertão baiano, à medida que pode ter papel fundamental no processo de valorização da memória cultural e reconhecimento de pertencimento da identidade dos indivíduos ao seu território.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídias locativas; Lugar; Identidade; Cultura; Equipamentos Culturais.

### **INTRODUÇÃO**

Os indivíduos sempre mantiveram uma relação de afinidade com o território que habitam. Isso se deve a necessidade que os humanos têm de “enraizamento”, ou seja, se sentir pertencente a um local. O vínculo com o lugar, dessa forma, constitui-se de forma individual ou coletiva e contribui com a identificação de territórios próprios, à medida que estrutura sua personalidade.

O sujeito age sobre o meio, modifica-o e, neste processo, vai deixando sua marca e sendo igualmente marcado por ele. Isto se dá na medida em que as transformações do meio pelo homem são resultantes de necessidades subjetivas, de emoções, de expectativas, em suma, de vivências que vão fazendo parte da história pessoal do sujeito. (MOURÃO e CAVALCANTE, 2006, p. 145).

Em seus estudos, Tuan (1983) ressalta a diferença entre os conceitos de espaço e lugar enquanto elementos ambientais que estão intimamente ligados. Para o autor, o sentido de lugar pode ter diversos significados, entre eles, estar relacionado ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, email: ingryd.hayaracs@gmail.com.

sentimento de segurança e familiaridade. O espaço liga-se a liberdade e movimento. Este, no entanto, não possui características permanentes. O espaço ganha sentido de lugar quando deixa as características de aventura e passa a ser associado a experiências afetivas.

Nesse sentido, o resultado das experiências afetuosas, ao passo que o indivíduo atribui à localidade um significado de valor, torna o lugar um elemento formador da identidade dos sujeitos. Segundo Tuan (1983), a cultura é um fator explicativo para os seres humanos concederem significado e, a partir disso, o organizarem como lugar. “A cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos. (1983, p.5/6). Dessa forma, os indivíduos materializam símbolos culturais para a representação das diversas percepções da identidade.

No Sertão do Vale do São Francisco nota-se um déficit de referências voltadas aos equipamentos culturais da região. É possível se deparar com um sucumbimento de alguns patrimônios, representação material dos elementos culturais pertencentes de um povo, a medida que se observa um alheamento a memória coletiva. Dessa forma, a reminiscência das memórias se desmancha nos processos de invisibilidade, dificultando o conhecimento e reconhecimento da identidade do indivíduo em relação ao sentimento de pertencimento cultural.

Diante disso, esta pesquisa surge como uma proposta de dar visibilidade à cultura do Sertão Baiano do São Francisco, a partir de tecnologias que possibilitem indexar conteúdos conectados à elementos culturais do território. Assim, é possível realizar um mapeamento desses patrimônios, registrando fragmentos das identidades culturais regionais, promovendo a valorização da memória coletiva, conforme expande um entendimento da produção identitária singular sobre os lugares.

## **METODOLOGIA**

A trajetória de construção deste estudo parte do desejo de contribuir para o reconhecimento da existência de uma pluralidade de identidades presentes nos equipamentos culturais da região do Sertão Baiano do São Francisco. Ao longo do século XX, diversos meios comunicacionais cooperaram para a construção de uma imagem segmentada do Nordeste, especificamente do Semiárido, pautada na ideia de

subdesenvolvimento. De modo consequente, cristalizou-se uma visão cultural homogênea, formando um único bloco identitário.

Dessa forma, o desenvolvimento dessa pesquisa parte da maturação de uma concepção desenvolvida ao longo do projeto de Iniciação Científica “SmartChico: cartografia cultural do Vale do São Francisco”. A pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Espaço (LEME), baseado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), tem como um dos objetivos conceber, através de tecnologias locativas, a indexação de conteúdo georreferenciado do Sertão Bahiano do São Francisco (especificamente as cidades de Juazeiro, Casa Nova, Sobradinho, Remanso e Curaçá) promovendo a cultura digital da região. Além disso, o projeto viabiliza como produto final o desenvolvimento de um aplicativo que será capaz de disponibilizar anotações sobre a cartografia, à medida que gera uma visualização de dados que engloba coordenadas geográficas, percursos e os equipamentos culturais.

Todavia, antes viabilizar a concepção do aplicativo, o projeto desenvolveu um método para cartografar as controvérsias que envolvem os patrimônios culturais que consistiu, primeiramente, em uma coleta de dados que nos permitiu realizar um mapeamento prévio das intervenções culturais nas cidades que compõem o território de identidade estudado. Após a prospecção das informações, os equipamentos passaram a ser fotografados e digitalizados para serem depositados em um banco de imagens. Além das informações imagéticas, o armazenamento de dados referente às intervenções culturais possuía anotações auxiliadas por um dispositivo de localização por satélite que, além de coordenadas geográficas (latitude e longitude), fornecia outras informações como tempo, velocidade, altitude e entre outras.

Esse percurso metodológico constituiu-se também por meio de uma revisão da literatura que possibilitasse aprofundar os conhecimentos dos conceitos de espaço e lugar, assim como ampliar a percepção sobre a maneira que as pessoas atribuem significado a essas localidades. Ademais, recorreu-se a obras clássicas que desenvolvem a relação entre identidades culturais e a ideia de pertencimento do sujeito a determinado grupo. Tais estratégias foram utilizadas para possibilitar ao pesquisador manter-se familiarizado às problematizações em torno do tema de interesse.

---

## CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE, CULTURA E LUGAR

Segundo o sociólogo Stuart Hall (2005), "no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural" (p. 47). Apesar dessas identidades não estarem conectadas aos indivíduos por fatores biológicos, o autor ratifica que agimos como se esta fizesse parte da nossa natureza. Dessa forma, o sentimento de pertencimento e reconhecimento cultural é resultado de um processo de formação, envolvendo as representações presentes na sociedade e no território que habitam. Diante desse olhar, Hall (2005) elucida que "[...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. (p.49)". Assim, pessoas que constituem um território fazem parte de uma ideia de nação não apenas como cidadãos, mas como atores que participam e atuam na representação da cultura nacional.

Antes de continuarmos nossa discussão sobre a atuação das mídias locativas como uma proposta de valorização da memória cultural, se faz necessário trazer algumas considerações sobre as identidades que compõem o indivíduo, uma vez que estes são atuantes na construção e manutenção dos equipamentos culturais, a fim de entender melhor os aspectos e particularidades que caracterizam o sujeito contemporâneo. Além disso, é importante compreender os processos de mudança que estão deslocando as estruturas da sociedade e, conseqüentemente, alterando as ideias que temos sobre o caráter identitário das comunidades.

A questão da identidade tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores que, a partir de construções teórico-conceituais, buscam analisar a sociedade. Entre eles, Stuart Hall (2005) enfatiza que "[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno" (p. 7). Essa descentração do indivíduo que, até então, era visto como um sujeito unificado, nos levar a crer na existência de uma "crise da identidade" que, acompanhada dos processos de mudanças na sociedade, caracteriza o indivíduo contemporâneo.

Essa crise está atrelada a concepção de identidade que caracteriza o sujeito pós-moderno. De forma simplificada, Hall (2005) elucida os traços que envolvem esse indivíduo que não possui uma identidade fixa ou permanente, mas resultante de uma transformação continua em relação às representações dos seres humanos nos sistemas culturais que os rodeiam. Dessa forma, os sujeitos possuem diversas identidades que,

em alguns momentos, podem entrar em contradição. Todavia, essa crise identitária “[...] é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas” (HALL, 2005, p. 7). Essas alterações estão fragmentando as estruturas da sociedade que antes acreditavam fornecer sólidas bases aos indivíduos.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma 'crise de identidade para o indivíduo. “(p.9)

Entre tantas alterações que estão ligadas diretamente ao caráter da mudança nas estruturas da sociedade, é necessário ressaltar a globalização como a mais relevante, particularmente, quando se trate sobre a sua influência sobre a identidade cultural. Suas características que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais criaram a possibilidade de “identidades partilhadas” que são constantemente nutridas pelos sistemas de comunicação. Dessa forma, quanto mais a sociedade se torna mediada por esses meios,

[...] mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2005 p. 75)

À vista disso, desenvolvemos essa discussão para melhor compreender que, assim como os indivíduos, a cultura não é uma celebração imóvel. Seja por influências internas ou externas, os fluxos culturais estão em constante mutação. Canclini (1994) considera que, apesar de existirem suportes concretos e contínuos ligados ao território, a cultura se reconstitui a partir da construção que os indivíduos fazem dela. A partir disso, é fundamental compreender as particularidades de cada comunidade a fim de que as suas práticas culturais façam sentido.

Assim, discutir sobre os aspectos culturais de cada sociedade possibilita, de certa forma, interpretá-la. Santos (2006) ratifica que a cultura é uma preocupação contemporânea, uma vez que é necessário entender as diversas diretrizes que nortearam os grupos humanos até as atuais relações. “São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as

expressa” (p. 7). Logo, é importante considerar a variedade de formas culturais que se manifestam, percebendo como a pluralidade de identidades reflete sobre a construção de patrimônio materiais.

## **ATUAÇÃO DAS MÍDIAS LOCATIVAS NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO**

Compreendendo que as manifestações culturais são resultadas de um processo histórico produzido por um coletivo de pessoas, os equipamentos culturais representam a materialização da identidade de um povo, à medida que constitui um elemento de singularidade que o diferenciam de outros grupos. Ademais, a manutenção desses patrimônios salvaguarda os ambientes alterados pela ação humana, preservando uma reminiscência coletiva. “A busca pelo resguardo de memórias locais, mediante a ação de políticas de patrimonialização, faculta a continuidade histórica, a título ilustrativo, de saberes e modos de fazer e viver.” (BLANK, 2014, p. 57).

Todavia, é recorrente que os patrimônios culturais passem por um processo de invisibilidade devido às ausências de manutenção das instituições responsáveis. Segundo Canclini (1994), o estado tem uma relação ambivalente com tais equipamentos. Por um lado, os valorizam como elementos capazes de manter um elo de integração da nacionalidade. Contudo, os patrimônios culturais são hábeis para distinguir os grupos de acordo com o capital que possuem. Isto se deve a fatores hegemônicos determinantes para que um grupo delimitado defina quais bens merecem ser conservados. Assim, dificulta o sentimento de pertencimento a identidades culturais que, em muitos casos, dependem da legitimação de seus elementos culturais para serem reconhecidos.

Em vista disso, é preciso desenvolver estratégias que possam superar as barreiras hegemônicas, possibilitando um acesso democrático aos bens culturais, à medida que resgate a identidade do indivíduo e o sentimento de pertencimento a determinado território. Compreendendo que o tecido da sociedade não é composto simplesmente por humanos, é necessário redirecionar o olhar dos seres humanos e passar a focar os "não-humanos" (que podem ser objetos, softwares, bancos de dados, smartphone etc.) como atores capazes de exercer ações no meio coletivo.

Dessa forma, chega-se a um entendimento que nesta era das tecnologias e serviços de mobilidade é impossível ignorar a capacidade de atuação destes não-humanos na configuração das redes da sociedade, uma vez que as diversas

transformações urbanas ganham advento através dos sistemas cibernéticos. Todavia, não estamos tentando polarizar ou apontar a existência de um único actante, humano ou não-humano, mas revelar a heterogeneidade dos atores que são decisivos na constituição do coletivo.

Isto posto, o Smartchico vem com a proposta de disseminar narrativas visuais por meio das mídias locativas. Segundo Lemos (2007), “podemos definir a mídia locativa (*locative media*) como um conjunto de tecnologias e processos informacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico ” (p. 207). Assim, se desenvolve uma relação entre os dispositivos moveis e os lugares que até então era inédita. A partir dessa interface da geolocalização, compreende-se que além desta relação, as estas tecnologias baseadas em localização ampliam conhecimentos singulares sobre os lugares e a valorização da memória (BASTOS, 2017). Diante disso, é possível compartilhar um mapeamento dos equipamentos culturais do Sertão Baiano do São Francisco, a partir de anotações sobre uma cartografia na qual possibilite uma visualização de dados que englobe as coordenadas geográficas, à medida que registre paisagens.

Isso significa dizer que o ato de compor anotações sobre um ambiente, especialmente com o advento das mídias locativas, ganhou novos anexos de qualidades e não se resume mais em escrever ou efetuar gravações audiovisuais que sejam emitidas de maneira desarticulada com os impulsos expressivos da locação. A informação geolocalizada se dispõe como uma distinta forma de enunciar sentidos, alargar o espaço e supera as impregnações dos afastamentos observativos agregando-as a essa nova camada contextualizada capaz de interagir do próprio lugar que se faz presente. (BARROS, 2017, p. 65)

Em vista disso, as mídias locativas podem vir a ser uma estratégia para estimular atividades voltadas para os equipamentos culturais, possibilitando a criação de vínculos subjetivos de pertencimento entre as pessoas e os lugares (TUAN, 1983). Neste caso, os patrimônios de representação cultural. Assim, é possível observar a desenvoltura de muitos lugares que, apesar das importantes ações e capacidade, antes permaneciam inferiorizados e agora afloram. Ademais, possibilita um ambiente no qual pessoas comuns podem ter aproximação desses dados, adquirindo um conhecimento singular e contextualizado do território que habita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao decorrer desta discussão, observamos que a noção de mídias locais reforça-se a ideia de Tuan (1983) que as novas tecnologias permitem criar localidades alternativas, uma vez que a indexação de possibilita conceber lugares em plataformas imateriais, como sites, aplicativos entre outros. A partir disso, difundir dados sobre os equipamentos culturais nestes locais poderia contribuir para dar visibilidade aos patrimônios não apenas na internet, como no próprio território.

Atualmente, um usuário que observa uma dimensão arquitetônica pode estar ao mesmo tempo diante de uma formação híbrida e plural que extrapola a materialidade estática do objeto. Se por um lado essa peça se apresenta sob estruturas fixas, por outro há uma grande possibilidade dela conservar qualidades binárias, possíveis de torná-la rapidamente uma construção que “surfa” sobre uma infinidade de afluições complexas [...] Outro fato curioso é a habilidade que cada usuário adquiriu para tornar as coisas locais, isto é, próximas independentemente da localização. Quebraram-se as fronteiras e tudo é potencialmente local, uma vez que o que está acessível lá também pode estar aqui. (BARROS, 2017, p.65)

Esta difusão em um território contextualizado se deve ao fato de que já que não se pode pensar o público e o ciberpúblico de forma desarticulada, uma vez que os ambientes on-line e off-line se hibridizam, fazendo com que pessoas se adaptem ao contexto, permanecendo a essência delas. Dessa forma, a capacidade dos indivíduos em quebrar as fronteiras de espaço e tempo e visibilizar determinado território possibilita a ação de manutenção destes. Barros (2017, p.67) ratifica que “o conhecimento local em deslocamento, compartilhado por agências, reforça o interesse voltado para uma conservação consciente dos hábitos e para as políticas que agem sobre cada território.”

Visto isso, essa cartografia pode ter um papel fundamental em valorizar a memória coletiva, restaurando o sentimento de ligação e pertencimento ao território, uma vez que o lugar é um dos elementos formação da identidade do indivíduo. Ademais, a disponibilidade dos dados sobre os equipamentos culturais pode possibilitar na produção de uma política da cidade voltada para a manutenção dos patrimônios, além de facultar um acesso ampliado dos bens à população.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Cecilio Ricardo de Carvalho. **Cartografia Urbanográfica no Sertão do São Francisco**: uma proposta infocomunicacional a favor da articulação de novos espaços de arte e educação. Juazeiro: UNEB, 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas III, campus Juazeiro - BA, 2017.



BLANK, Dionis Mauri Penning. Repensando o patrimônio (cultural): cultura, identidade e memória. **Prisma Jurídico**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 37-70, jan./jun. 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do IPHAN**, Brasília, n. 23, p. 94-115, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEMOS, A. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In Santaella, L., Arantes, P. (ed), **Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir**, São Paulo: EDUC., pp. 207-230, 2007.

MOURÃO, Ana Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 143-151, mai./ago. 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?**. 16. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Livia de Oliveira (Trad.). São Paulo: Difel, 1983.